

ENTRE O CLÁSSICO E O POPULAR – REPRESENTAÇÃO DO NEGRO NA LITERATURA BRASILEIRA

Gabriela de Freitas Rabelo¹

Alexssandro Ribeiro Moura²

(Fonte: Times New Roman, 12, Centralizado, Negrito, Espaço Simples)

¹IFG/Campus Aparecida de Goiânia/Edificações - PIBIC EM, gaby13114@gmail.com

²IFG/Campus Aparecida de Goiânia/Departamento de Áreas Acadêmicas, alexssandro.moura@ifg.edu.br

Resumo

Este estudo consiste numa análise voltada para a observação de como a temática da identidade negra e sua representação social é trabalhada nas obras *O Mulato* (1881), de Aluísio Azevedo, texto que é considerado o marco inicial do Naturalismo no Brasil e *Um defeito de cor* (2006), de Ana Maria Gonçalves. Além disso, iremos observar aspectos estruturais, como, por exemplo, elementos narrativos presentes nas duas obras e suas transformações ao longo da tradição literária. É também um dos objetivos observar como a leitura dessas obras pode ser útil para a formação acadêmica do jovem adolescente (humana e profissional) através de uma perspectiva que valoriza a criação e a criatividade como princípios norteadores do letramento literário.

Palavras-chave: Literatura, Romance, Identidade negra.

OBJETIVOS

O principal objetivo deste trabalho é fomentar uma discussão sobre a representação do negro na literatura brasileira. Através da comparação entre as obras de Aluísio Azevedo, *O Mulato* e Ana Maria Gonçalves, *Um defeito de cor*, foi feito um estabelecimento de relações intertextuais e interdiscursivas entre o cânone literário e a literatura popular, observando-se como

se organizam as duas narrativas, tanto do ponto de vista estrutural, quanto da progressão temática, ligada à representação da identidade nacional, em especial na sua matriz negra.

Para a realização das ações deste trabalho há a necessidade de uma análise sobre tópicos ligados ao ensino-aprendizagem de gêneros textuais acadêmicos e gêneros literários, pois a leitura das obras em análise possibilita um fértil campo de trabalho para a formação humana de alunos do Instituto Federal de Goiás, já que potencializa o surgimento de metodologias voltadas para a realidade de nossa comunidade acadêmica, com o intuito de entender, ao longo da história da literatura brasileira, as razões pelas quais ainda há dificuldades de compreensão de nosso passado e necessidade de um novo olhar para as práticas culturais diversas que nos compõem.

Busca-se ainda com as ações deste projeto o desenvolvimento da capacidade discente de selecionar, analisar e relacionar conteúdos que se voltam para a efetiva prática da cidadania e resolução de problemas individuais e coletivos.

JUSTIFICATIVA/FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Sempre que debatemos sobre a importância do estudo de literatura na educação básica surgem reflexões sobre a necessidade de se valorizar a literatura contemporânea, mais próxima do aluno (em relação à linguagem e ao contexto sócio-histórico), sem deixar de lado as obras clássicas, que são universais, atemporais e por isso mesmo nunca perdem sua validade diante da compreensão das demandas atuais. Sendo assim, para estabelecermos uma comparação entre obras clássicas e populares, podemos buscar fundamentação na célebre pergunta retórica de Umberto Eco (Por que ler os clássicos?) (1993) ou na ponderação sociológica de Antônio Candido (2011), para quem o direito à literatura se constitui em direito humano básico e deve, portanto, ser ampliado para que cada indivíduo se torne cidadão de modo efetivo e consiga compreender seu lugar no mundo e sua necessidade de interagir com o outro diante das várias instâncias sociais às quais estamos vinculados. Desse modo, é possível também abarcar a necessidade de desenvolvimento da capacidade de leitura e escrita através do contato com estruturas linguísticas trabalhadas na Literatura.

METODOLOGIA

Em primeiro lugar, foi feita a leitura crítica das obras literárias que compõem o *corpus* da pesquisa. Em seguida, foi realizado levantamento de material teórico-crítico sobre gêneros textuais, gêneros literários, teorias da narrativa e representação do negro na literatura. Num momento seguinte, foi iniciada a comparação entre elementos estruturais narrativos e progressão temática nas duas obras analisadas. Buscou-se fazer a análise das seguintes perguntas de pesquisa:

Ambas apresentam uma mesma temática, mas com abordagens diferentes, com relação às épocas e visões de sociedade diversas. Em *O Mulato* a situação é abordada de maneira superficial, em que os personagens não possuem características marcantes, com atitudes previsíveis de acordo com a personalidade empregada em cada personagem, como a Dona Maria Bárbara, representando parte dos conservadores da época, mostrando-se intolerante, egocêntrica e os demais adjetivos que se possa dar.

Era uma fúria! Uma víbora! Dava nos escravos por hábito e por gosto; só falava a gritar e, quando se punha a ralar, - Deus nos acuda- incomodava a toda vizinhança! Insuportável! / Maria Bárbara tinha o verdadeiro tipo das velhas maranhenses criadas na fazenda. Tratava muito dos avós, quase todos portugueses; muito orgulhosa; muito cheia de escrúpulos de sangue. Quando falava nos pretos, dizia “os sujos”, e, quando se referia a um mulato, dizia “o cabra”. (AZEVEDO, 1881, p. 18)

Já em *Um Defeito de Cor*, com uma visão histórica social, os personagens são dotados de profundidade, em que se adentra em seus pensamentos e ideologias, narrado pela personagem que o vive “O meu nome é Kehinde porque sou uma *ibêji* e nasci por último” (GONÇALVES, 2009, p.19).

São romances, mas divergem em sua estrutura narrativa, *Um Defeito de Cor* é narrado em discurso indireto, predominante o pensamento e memórias da narradora personagem “Perguntei se tinha sido por minha causa e ela respondeu que não, que provavelmente ele já tinha se esquecido daquilo tudo” (GONÇALVES, 2009, p. 696). Ao passo que a obra de Aluísio de

Azevedo é construída por meio da narração oniciente e discurso direto aos participantes ficcionais “O rapaz não lhe deu tempo para sair, colocando-se entre a cama e a parede. / - Tenha a bondade de esperar... disse, muito sério.” (AZEVEDO, 1881, p. 95). Outro ponto a ser mencionado é que durante a narração da obra mais recente, chegando ao meio da obra é possível notar que a escrita é como uma carta para seu filho mais novo, cujo qual veio a se separar durante a infância do mesmo “Mas seu pai estava desinteressado da padaria, como de quase tudo” (GONÇALVES, 2009, p. 438).

A escrita abordando a temática negra e sua posição ocorrida há mais de 500 anos atrás permite a compreensão das atitudes advindas das massas da população, como o lento progresso contra o pensamento racista e misógino evoluiu até os dias de hoje, em que notavelmente o racismo é algo presente, não possuindo grande fuga dos tempos passados.

Possuindo um passado escravista, este país ainda vive, em seu cotidiano, situações de preconceito, discriminação e racismo, claramente expresso nas condições materiais de vida da grande maioria dos negros, mas também nas vivências marcadas, muitas vezes, por um por um assujeitamento a padrões estéticos e ao comportamento permanecendo como uma ferida narcísica. (FILHO, 2005, p. 6)

A leitura dos clássicos vem a partir de pessoas que são movidas pela curiosidade, ao incitar e colocar a dúvida ocorre à busca pelo conhecimento, mesmo em uma época de “fake news”, há ainda indivíduos se interessam pela verdade e só assim se satisfazem. Obras de outras épocas não recebem grande destaque nas mídias sociais, impossibilitando que a curiosidade seja incitada, e assim não há o conhecimento do mesmo. Os antigos autores traziam sua realidade, e dessa forma, podemos atualmente comparar a antiga visão de mundo com a atual, podendo abordar de maneira crítica com ambos os lados.

Cor, raça e preconceito no Brasil compõem o plexo de concepções para o enfrentamento das questões raciais e de seus desdobramentos nocivo n formação de crianças e adolescentes, por meio da construção de um Nov forma de se pensar formação da nação e nacionalidade. (SANTOS; BARBOSA E SILVA, 2006, p. 438)

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Segundo Domício Proença Filho (2004), o negro é apresentado ao longo da tradição literária nacional através de um tratamento marginalizador, o que reflete como a etnia foi tratada no processo de construção da sociedade brasileira. Ainda de acordo com o autor, no discurso literário de nosso país, podemos perceber dois posicionamentos: “a condição negra como objeto, numa visão distanciada, e o negro como sujeito, numa atitude compromissada” (PROENÇA FILHO, 2004, p. 161). Podemos acompanhar a presença desses posicionamentos respectivamente nas obra naturalista de Aluísio Azevedo e na obra contemporânea de Ana Maria Gonçalves.

O Mulato é uma obra clássica do autor Aluísio de Azevedo, em que o autor aborda a história de um rapaz, chamado Raimundo, que, por inúmeras dificuldades passadas por sua mãe, escrava, e seu pai, um senhor branco, dono de escravos, tem sua trajetória definida pela sua origem. Após a morte do pai, Raimundo é enviado à Europa, com o objetivo de que se formasse e recebesse a melhor educação, como um rapaz branco da época receberia. Ao chegar ao Brasil, ele é recebido como um simples mulato, pensamento fortemente enraizado na sociedade daquele tempo, filho de escrava, nascido escravo e forro pouco depois, assim ele acaba por se permitir ficar no lugar em que o puseram, acabando por ter um casamento com a prima (branca) consentido - negado por sua origem e sendo morto para que não conseguisse fugir com ela. Para entendermos a composição da personagem Raimundo devemos observar o contexto de produção da obra que nos leva inevitavelmente aos anseios naturalistas de se aproximar do real em sua integralidade:

O naturalismo, enquanto movimento literário de fins do século XIX, teve como projeto estético-ideológico a busca por representar o comportamento humano e social, com particular interesse pelos tipos socialmente marginalizados, a partir de conceitos e ideias tomadas de empréstimo, principalmente, ao positivismo, ao determinismo materialista e às Ciências naturais, em função dos quais o homem era visto como produto direto de suas condições biológicas e sociais, logo, seu caráter e conduta estariam sob a influência incontornável do meio, da raça e da hereditariedade (SILVA, 2018, p. 276)

Em *O Mulato*, Aluísio são apresentados personagens diversos, é notável que cada um é a representação de certa parte da sociedade, a avó da moça, por exemplo, é uma mulher caracterizada por sua fé extrema na crença cristã católica. Também uma das pessoas mais preconceituosas existentes na obra, que mal aceita Raimundo sob seu mesmo teto, e que preferiria ver sua neta morta a casada com um simples mulato. Há o bêbado, representando a parte despreocupada e libertina, e assim por diante. Nenhum tem suas características aprofundadas, menos ainda o próprio Raimundo, que se mostra alguém de fácil manipulação, formação vaga de posicionamento, e claramente é o protagonista, mas ainda assim não possui o devido desenvolvimento para seu encargo.

Ana Rosa é outro exemplo de tal superficialidade, que consiste na necessidade de haver um homem idealizado e seu amor, para que consiga se manter bem, saudável, em sua sanidade e até sua vida, “Veio-lhe então um sobressalto de contentamento, mas logo depois caiu a entristecer: sentia-se muito só; não lhe bastava o amor do pai e da velha Bárbara; queria uma afeição mais exclusiva, mais dela.” (AZEVEDO, 1881, p. 20) anseia por isso, tratada como uma moça ingênua e apaixonada, superprotegida desde a infância e sem experiência de vida.

Podemos interpretar o acontecimento da morte do mulato não como uma sátira à sociedade escravocrata da época, mas sim com o significado implícito, de que não o fato social e biológico determinam a vida de um indivíduo. Raimundo é um exemplo disso, alguém que seria um senhor, um doutor, na visão da sociedade, não passa de um mulato, uma mistura de duas espécies, impuro aos olhares de seus pares, mesmo sendo tão capacitado quanto qualquer um que recebeu os devidos estudos e oportunidades.

A questão em si, trata-se de como um homem tão bem de situação social (na Europa) e econômica, acaba morto no romance em que protagonizava como o herói, por essa visão, Azevedo demonstra por meio dessa obra que não importa quem seja, dificilmente a sociedade permitirá que saia de onde está, isso para os escravos e forros que sonhavam com uma vida digna e estável, isso não chegaria a acontecer, pois mesmo o mulato não pode, então quem poderia?

Raimundo tinha vinte e seis anos e seria um tipo acabado de brasileiro, se não foram os grandes olhos azuis, que puxara do pai. Cabelos muito pretos, lustrosos e crespos, tez morena e amulatada, mas fina; dentes claros que reluziam sob a negritude do bigode; estatura alta e elegante; pescoço largo, nariz direito e fronte espaçosa. (AZEVEDO, 1881, p.40)

Em contrapartida, em *Um Defeito de Cor*, há uma personagem que se entende como ser, e que possui tantos direitos quanto qualquer um, aceitando apenas temporariamente o que lhe foi imposto. Consegue fazer o impossível, inimaginável, compra sua carta de alforria, aprende inglês, a ler e a escrever, monta seus próprios negócios, sustenta inúmeras pessoas e por final termina como uma sinhá e grande comerciante em África. Kehinde passa por traumas e aflições que cada vez mais a fazem ficar mais forte, abuso na infância, presença o estupro de sua mãe e a morte dela e de seu irmão, vê sua avó e irmã serem mortas pelas más condições do navio negreiro, sofre estupro, torna-se mãe, passa por inúmeras dificuldades na rua, perde os filhos. Em suma, é uma obra que apresenta um diálogo entre várias temáticas e abordagens de diferentes áreas do conhecimento:

Um defeito de cor é uma obra que se presta a variados exames por conter uma infinidade de temáticas de caráter literário, histórico, antropológico, enfim, é um importante texto que poderá contribuir para a análise e compreensão do contexto histórico, político, econômico e social do Brasil colônia e império do início e meados do século XIX, circunscrito principalmente à província baiana de São Salvador e à capital do império, São Sebastião (hoje, Rio de Janeiro), possibilitando analisar e compreender as relações étnicas, bem como destacar alguns comportamentos e tradições culturais dos africanos e afrobrasileiros desse período (SILVA, 2012).

Todos esses fatores caracterizam uma personagem que não se cansa de trabalhar e sempre lutou pelo que acreditava ser certo, no entanto, seu caso era praticamente impossível de ocorrer, praticamente nenhum escravo possuiu tanta sorte, mesmo trabalhando e dando seu sangue, a morte seria o futuro mais provável.

As obras se distanciam em seus desenvolvimentos, uma é pautada pelo determinismo e darwinismo social, outra é sobre protagonismo negro ambas representando a visão de mundo da época em formam compostas. Aluísio “matou” Raimundo pois queria mostrar que alguém daquele “porte” não conseguiria um final feliz, enquanto Ana Maria fez questão de apresentar cada etapa da vida de sua personagem como o passo a passo da transformação de um sujeito que reconhece sua identidade e a utiliza para avançar em suas conquistas. Kehinde é um exemplo de resiliência, uma pessoa que consegue conviver com as adversidades e encontra forças para superar as violências físicas e psicológicas que ela e seus entes queridos sofrem ao longo da narrativa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os dois romances analisados abordam uma temática semelhante e se localizam temporalmente no mesmo século, a obra *O Mulato* é uma das principais escritas do início do movimento do Naturalismo, um romance que sofre choques entre paixões e preceitos, estritamente ligados ao Brasil-Colônia. Em *Um Defeito de Cor*, há uma abordagem historiográfica ficcional de fatos ocorridos na mesma época, mas com valores culturais e diferentes visões de mundo.

O Mulato é estruturado com base em um narrador onisciente, que permanece neutro para evidenciar a abordagem naturalista de evitar julgamentos sobre as personagens e cumprir os preceitos deterministas, ou seja, meio, época e raça definiriam o futuro de Raimundo de acordo com essa perspectiva. Já *Um Defeito de Cor* é formado com base em uma narração contínua, de acordo com os fatos conhecidos e presenciados, unindo história, memória e ficção.

Podemos perceber que as estratégias de composição de Ana Maria Gonçalves e Aluísio Azevedo nos colocam diante de diferentes modos de abordagem do negro e de sua participação no processo de formação da identidade nacional. Enquanto em Azevedo vemos um Raimundo passivo, sem densidade psicológica que nos revele uma atitude de efetivo protagonismo, em Gonçalves a protagonista Kehinde assume efetivamente a posição de personagem principal, mostrando-se ativa e capaz de traçar o rumo de sua própria história.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Aluísio. *O mulato*. São Paulo: Nova Fronteira, 2000.

BOSI, Alfredo. *História Concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 2004.

ECO, Umberto. *Por que ler os clássicos*. In: *Por que ler os clássicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. Trad. Nilson Moulin.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: *Vários escritos*. 5. ed. São Paulo; Rio de Janeiro: Duas Cidades; Ouro sobre Azul, 2011.

GONÇALVES, Ana Maria. *Um defeito de cor*. Rio de Janeiro: Record, 2010.

PROENÇA FILHO, Domício. *A trajetória do negro na literatura brasileira*. São Paulo: Estud. av., São Paulo v. 18, n. 50, p. 161-193, Apr. 2004 .

SILVA, Paulo Ricardo da. *Naturalismo brasileiro: as tensões e contradições em relação ao projeto da objetividade*. *Travessias Interativas / São Cristóvão (SE)*, N. 15 (Vol. 8), p. 276–293, jan-jun/2018.

FILHO, José Tiago dos Reis. *Negritude e sofrimento psíquico*. São Paulo, 2005.

SANTOS, Raquel Amorim dos; BARBOSA E SILVA, Rosângela Maria de Nazaré. Racismo científico no Brasil pós-escravatura. *Revista Contemporânea de Educação* v.12, n.25, p. 438, set/dez de 2017.